

ESTEVE JAULENT E A MEMÓRIA DO ESSE EM RAIMUNDO LÚLIO E TOMÁS DE AQUINO.

por *Paulo Faitanin* – Universidade Federal Fluminense.



Prof. Dr. Esteve Jaulent
IBFC "Ramon Llull"

A articulação entre *ser* e *modo de ser* na realidade do homem é sempre muito difícil. A dificuldade nasce especialmente quando se procura aproximar a realidade metafísica do homem [ser] à sua dimensão moral [modo de ser]. O contínuo esquecimento da doutrina metafísica do ser tem esvaziado o conteúdo do valor moral da ação humana. Somente conhecendo a profunda realidade do ser humano se pode atingir efetivamente a dignidade de toda ação que emerge como o que de mais íntimo há no ser humano. E isso justamente porque o *esse* é o que de mais profundo e radical há no homem. A estrutura metafísica da pessoa humana, que a faz erguer como um edifício digno, tem no ser a sua pedra fundamental. E porque o operar humano é segundo o seu ser, toda ação humana revela-nos, de algum modo, o que o homem é em seu ser. E é em sua dimensão moral que o ser do homem se revela ao homem, como homem. Esteve Jaulent articula esta idéia de um modo claro e objetivo quando citando Píndaro autor da célebre frase "homem, torna-te o que és" afirma: "Certamente, tornar-se aquilo que se é coincide com chegar à plenitude do próprio ser; consiste em possuir plenamente o seu ser, de tal modo que não lhe falte nem se lhe possa acrescentar mais nada. Equivale a estar completamente feito. E é justamente este o objetivo da moral" [*O esse na ética de Raimundo Lúlio*, Esteve Jaulent, *Veritas*, Porto Alegre (1995), Vol. 40, nº 159, pp. 599-621 e em *Idade média: Ética e Política*, org. Luis Alberto de Boni, EDIPUCRS, Porto Alegre, 1996, pp. 395-421; http://www.ramonllull.net/br/studies/s_est_antropologia.htm]. Para estabelecer no homem a ponte entre o ser em sua dimensão metafísica e o agir em sua dimensão moral, Esteve Jaulent nada menos parte do estudo do *esse* em Tomás de Aquino e Lúlio, destacando em cada qual a doutrina do ser e do agir. Como ele mesmo nos esclarece, o seu estudo pode ser objetivado em três momentos:

1) que as realidades básicas da moral harmonizam-se apenas com aquelas metafísicas denominadas do ser, que concebem o ser como a primeira perfeição, que contém e origina todas as outras. Qualquer afastamento, por pequeno que seja, dessas metafísicas do ser, assim entendidas, conduzirá, mais

cedo ou mais tarde, à implosão do sistema moral que tivesse pretendido assentar-se numa noção de ser diferente;

2) que a noção do ser implícita nos escritos de Tomás de Aquino, ao reduzir todas as perfeições ao ser, supera a concepção formalista do ser e permite uma compreensão adequada das realidades básicas da vida moral. O posterior abandono da noção tomista de ser, de fato, mergulhou o homem moderno numa cisão entre pensamento e vida, causador de graves problemas de ordem moral e social;

3) e que a noção do ser que se extrai da obra de Raimundo Lúlio não difere essencialmente daquelas apresentadas pelas metafísicas do ser, e por isso a moral luliana sobre ela assente é uma moral permanente e adequada à pessoa humana.

Gostaríamos de apresentar a entrevista com o Dr. Esteve Jaulent e presentear aos leitores de nossa revista digital sua articulação entre ser e modo de ser, bem como de seu grandioso projeto que é o INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA 'RAMON LLULL'.

ENTREVISTA:

1. Quem é Tomás de Aquino para o senhor?

Tem-se falado e escrito muito contra o caráter niilista-anti-humano do pensamento moderno. Contudo, penso que o erro principal consiste em querermos fazer desse niilismo uma estrada para o progresso e a liberdade. Durante as últimas décadas estivemos transformando esse niilismo em uma religião. Cabe a nós, neste começo de século XXI, buscarmos na filosofia a verdadeira noção do progresso humano e social. Para tanto, penso que será preciso edificar em cima dos que nos precederam, sobretudo daqueles pensadores cuja metafísica se aproxima mais do mundo real. Refiro-me a este mundo concreto cuja realidade vem sendo experimentada e conhecida por todos ao longo dos séculos e que é a que os autênticos filósofos sempre quiseram explicar. Em poucas palavras, é preciso agora tornar prioritárias as metafísicas nas quais o ato de ser prevalece sobre o ato de conhecer.

Creio que entre estas metafísicas sobressai a de Tomás. De fato, foi ele quem descobriu o caráter de fundamento do ato de ser: qualquer outro ato – inclusive o ato de pensar – é ato somente pelo ato de ser. Em decorrência

deste princípio, a metafísica tomista mostra-se muito eficaz ao explicar o ato livre humano e o que decorre dele: a maturidade ou degeneração do ser humano e o progresso ou decaimento das sociedades.

Em minha opinião, devemos fazer nossos esses princípios metafísicos fundamentais e, ao buscar soluções para os problemas que o homem e nossa sociedade apresentam, saber utilizá-los adequadamente. Você pergunta que representa para mim Tomás de Aquino, pois diria que na época presente é o grande ausente, pois hoje são poucos os metafísicos que reflexionam como o faria Tomás se estivesse vivo.

2. Qual é a novidade do pensamento tomista?

A novidade do pensamento tomista, em minha opinião, encontra-se na originalidade de sua noção de participação. Ao dizer que todo ente participa do ato metafísico supremo de ser (esse), Tomás superou, em muito, tanto Platão como Aristóteles. Creio que se pode dizer, sem temor de errar, que o Aquinate foi o primeiro a dar-se conta da importância do esse como ato metafísico primeiro e último; primeiro, porque fundamenta o ente, e último, porque é a perfeição de todas as suas perfeições.

O tomismo, assim entendido, pôde desbancar a postura essencialista – que impregnou boa parte da escolástica antiga, e até da nova – que afirma que o ente é tal somente quando uma essência se torna existente pela ação da causalidade divina. O essencialismo parece ignorar a causalidade eficiente do próprio ato de ser de cada ente, uma das muitas consequências da noção tomista do *actus essendi*.

O pensamento humano deu um salto importante com Tomás porque sua noção de participação permite compreender melhor a relação que existe entre o Infinito e o finito, entre Deus e as criaturas. O tempo mostrou, porém, que o salto recaiu no mesmo lugar, pois a escolástica formalista posterior e quase todo o pensamento moderno esqueceram-se do ser.

3. O que é o Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio?

O Instituto é formado por um grupo de pesquisadores e professores preocupados com os temas filosóficos de sempre. Estudamos sobretudo os pensadores medievais, principalmente Raimundo Lúlio. Ao todo somos 49 pessoas, 29 das quais vivem no Brasil. Organizamos publicações, congressos,

jornadas filosóficas, etc. e ajudamo-nos na elaboração de trabalhos acadêmicos, artigos e livros. Nem todos se dedicam ao filósofo maiorquino, senão que alguns também pesquisam temas relacionados com a filosofia moderna; em São Paulo, por exemplo, um membro do Instituto está preparando uma tese sobre Fichte. O Instituto edita livros de filosofia, história e literatura.

Fora os encontros em congressos e outras reuniões, a maior parte dos contatos e trabalhos é realizada por e-mail. O Instituto mantém um website com vasto material para estudo e pesquisa e uma Comunidade Virtual aberta ao público. No ano 2000, a Generalitat de Catalunya – o governo da autonomia catalã –, reconheceu o Instituto como Centro Catalão do exterior e passamos a receber ajuda financeira para as atividades e bolsas para estudantes e professores brasileiros que desejam estudar nas universidades catalãs.

4. Como surgiu a idéia de fundar o IBFC Raimundo Lúlio e qual o seu principal objetivo?

A idéia surgiu do grupo de pesquisadores que se dedicam a Lúlio. Embora o Instituto não advogue na defesa de uma única interpretação do pensamento luliano, é verdade que coincidimos em que muitas das idéias do maiorquino podem adaptar-se e servir para solucionar os problemas dos quais somos testemunhas no início deste terceiro milênio. Alguns desses problemas são antigos, mas recrudesceram em nossos dias. Por exemplo, o diálogo inter-religioso. Lúlio é considerado o precursor deste diálogo, e nós acreditamos no caminho por ele indicado.

Porém, existem problemas filosóficos que têm uma raiz mais profunda e que merecem uma atenção maior – não na esperança de vê-los resolvidos, pois em filosofia podemos aproximar-nos da verdade, mas nunca chegamos a ela –, para ao menos podermos avançar no caminho de sua compreensão. Cremos que este avanço pode ser feito na trilha que nos deixou Lúlio. Sobre tudo no que diz respeito ao tema do ato de ser, do qual falávamos antes, lamentando-nos de ter sido deixado no esquecimento.

Em minha opinião e em poucas palavras, Aristóteles descobriu o ato, sim, mas – talvez por tê-lo descoberto ao tentar explicar o tema do conhecimento – pensou que o ato primordial era o ato de entender. Os gregos buscavam um sentido do ser que pudesse unificar todas as formas, e Aristóteles encontrou-o no ato. Ora, para o Estagirita, o sentido primordial do ato radica no entender,

não no ser. O único sentido do ato que segundo Aristóteles tem alcance transcendental é o entender. Penso que sob esta perspectiva somente lhe foi permitido unificar as formas enquanto pensadas, mas não enquanto consideradas em si mesmas. Aristóteles não explica porque existe no mundo real uma multidão de formas diferentes.

Com a noção de *actus essendi*, Tomás solucionou o problema. O ato primordial – segundo o Aquinate – não é o ato de entender, mas o de ser. Com ajuda de sua teoria da participação, seria então possível unificar toda a realidade mediante a analogia do ser. Contudo, Tomás, ao adotar a perspectiva do ser, explorou com mais atenção os entes corpóreos e incorpóreos, cujo ser vem dado pela forma substancial e, seguramente por falta de tempo, deixou para um segundo momento o estudo das partes desses entes, cujo estatuto é particularmente especial. Com efeito, Tomás – assim como Aristóteles – pensa que o ser é dado pela forma, porém as partes dos entes têm matéria e forma somente potenciais que só se tornam atuais pelo ser do todo; portanto, o ser não segue à forma da parte, daí que, sob a perspectiva do ser, a parte fique menos visível.

Em nossa opinião, Lúlio mantém a perspectiva aristotélica do ato e, em vez de dizer que o ser vem dado pela forma, prefere afirmar que todo ato é formalizado. Esta postura lhe permite estudar também o ato das partes, o que completa a análise tomista. Além do mais, considerando também que o ato de ser é o ato de todos os atos, aplica esta fórmula ao próprio Ato Supremo de ser e descobre nele as famosas Dignidades lulianas, que nada mais são que os atos divinos, cada um dos quais Lúlio identifica com o próprio Ser e Essência divinos. Quando Lúlio aplica esta perspectiva do ato aos seres finitos e às suas partes, é criacionista e considera que estes estão constituídos pelos mesmos princípios ativos que se encontram na divindade, porém em dimensões finitas e combinações diferentes. Portanto, Lúlio vê o universo como uma inserção dos atos das partes nos atos das substâncias e todos eles, por sua vez, inseridos nos atos divinos. Em consequência, prefere definir as realidades a partir de seus atos próprios. Esta postura o conduz a uma antropologia particular na qual o ser humano é definido como animal homificans, um animal que humaniza tanto o seu entorno como a si próprio.

A metafísica luliana abre perspectivas novas para o mundo de hoje, e foi acreditando nisto que fundamos o Instituto. Desejaríamos que o pensamento do filósofo maiorquino fosse mais estudado e o Instituto apoiará todos aqueles que se interessarem por ele.

5. Quais as novidades do IBFC 'Ramon Llull' para o futuro?

Continuaremos incentivando a produção luliana dentro e fora do Instituto e montando filiais nos diversos Estados do país. Atualmente existem estudos de lulismo em Fortaleza, São Luis, Salvador, Vitória, Rio, Niterói e São Paulo. Gostaríamos que os trabalhos se estendessem mais ainda.

Com relação ao diálogo inter-religioso, estamos preparando um Congresso Mundial sobre Interculturalidade, no qual se discutirão os temas mais candentes que hoje preocupam: identidade cultural e religiosa, surgimento e desaparecimento das culturas, as línguas, respeito e tolerância, verdade e revelação, etc. sempre sob a perspectiva luliana, embora representantes de outras crenças, cientistas, agnósticos e ateus poderão apresentar seus pontos de vista.

Uma outra novidade é o lançamento de livros de iniciação em temas filosóficos, ao alcance do público universitário que começa a se interessar no lulismo e tem a intenção de traduzir as obras do pensador maiorquino, mas que carece de uma formação básica em filosofia.